

Para Todos, Fon-Fon e Cinelândia: o cinema nas revistas ilustradas (1927-1929)¹

Joëlle Rouchou pesquisadora da Casa de Rui Barbosa e professora da UniverCidade²

Resumo: Este trabalho é a continuação de uma pesquisa em andamento sobre a representação do cinema nos anos 20 em colunas de cinema de revistas ilustradas. O objetivo é o de analisar como esse artefato da modernidade se apresenta como lazer e como negócio no meio impresso, utilizando-se das revistas e das colunas para realizar a mediação. A pesquisa encontra-se ainda em fase inicial, com algumas reflexões apontando para o uso das colunas como porta-voz de uma pesada indústria de lazer norte-americana e o estabelecimento nos textos do *star-system*.

Palavras-chave: Revistas – colunas – jornalismo- cinema - estrelas

Talvez seja possível arriscar dizer que a era da globalização, da tecnologia que assistimos hoje com Internet sem fio, celulares que são verdadeiros computadores, heroínas virtuais, redes de afeto e trabalho, cirurgias sem cortes, almoçar em Paris e jantar em Nova Iorque tenha seu início na virada do século XIX para o XX. As lavouras arcaicas cederam espaço para a era da industrialização, pás mecânicas, automóveis. Aviões, telégrafos, telefones, cinema ocupavam os lugares de trabalho e do lazer.

A imprensa entra nesse universo do moderno não somente com a parafernália gráfico-industrial, mas com o conteúdo de suas páginas. As revistas de informação, de variedade, apontam para essa vocação dos centros urbanos de descoberta de novos modos de vida, de tecnologias que vão transformar as rotinas dos habitantes das cidades. A revista *Fon-Fon!* (1907-1958), de variedades, mantém a coluna de cinema *Nos cinemas da Avenida* em que fornece algumas notas de cinema, mas principalmente preocupa-se em dar os resumos e alguma opinião dos filmes em cartaz na cidade. *Fon-Fon!* em seus primeiros oito anos - de 1907 a 1915 - foi editada por três intelectuais de filiação simbolista, Gonzaga Duque, Mário Pederneira e Lima Campos. A *Para Todos*, lançada

¹ Trabalho apresentado no NP de Jornalismo

² Joëlle Rouchou é jornalista, pesquisadora do setor de História da Casa de Rui Barbosa (RJ) e professora de Jornalismo Impresso na UniverCidade. É autora do livro *Samuel. Duas vozes de Wainer* (Rio de Janeiro:UniverCidade), 2004. É doutora em Comunicação e Cultura pela ECA/USP. joelle@rb.gov.br

em dezembro de 1918, já continha uma série de reportagens que contemplavam o pós-guerra. Os temas abordam principalmente a política nacional e internacional. O espaço destinado aos anúncios ainda é tímido – o que mais tarde será uma verdadeira febre de anúncios. A revista é variada, com seções de esporte, literatura, música, teatro, cinema, moda e curiosidades em geral. Desde o primeiro número, o espaço reservado para tratar de cinema já está marcado, apesar de pequeno, mas nos números seguintes, observa-se que há um aumento considerável das notícias sobre cinema e as críticas chegando a ter mais ou menos 6 páginas em cada número.

A revista *O Cruzeiro* - uma das maiores revistas ilustradas do Brasil e circulou desde 1928 até 1975 – vai se aproveitar do momento histórico do seu lançamento, que vende a modernidade e a tecnologia, para fazer uma revista que se pretende up-to-date com as novidades da época. Em seu editorial abre espaço para colunas de cinema *Cinelândia* que basicamente vai fornecer notas e reportagens sobre a vida dos astros da nova indústria cinematográfica de Hollywood.

O cinema chega ao Brasil um ano após as primeiras exibições na França. Com ele o estranhamento dessa engenhoca que exhibe imagens em movimento em projeções inéditas a um público curioso que se surpreende com o novo artefato. O cinematógrafo é admirado e renegado por vários escritores que escrevem crônicas derrubando ou enaltecendo a novidade. As revistas de variedades marcam seu traço de modernidade e apresentam vocação de serem plurais e informadas mantendo colunas da novidade: o cinema. Vamos buscar entender o que está tratado nessas colunas e como vai se formar uma plateia, um público para essa arte ainda embrionária. O cinema brasileiro é uma construção ideológica. Demorou duas décadas para se construir pois de 1898 a 1915 não havia identidade para a expressão cinematográfica brasileira. A maioria dos filmes não se preocupava com a cultura brasileira. Fazer filme era abordar expressões artísticas, principalmente o teatro. Fazia-se filmes sobre Portugal, Espanha, adaptava-se um romance francês, sem necessariamente imprimir uma cor local. Eram experimentos. A ideia era a de retratar o que teria sido um evento histórico, da cultura portuguesa por exemplo. Não havia coloração nacional. Na produção a partir da década de 20, alguns filmes evidenciam sua característica se é ou não é filme brasileiro. Percebe-se que o

elemento ausente da discussão é o Brasil como país, cultura, povo que não são associados ao filme.

Cinema é um avanço tecnológico ligado ao capitalismo europeu, à Segunda revolução industrial (1870). Inserção específica nesse contexto histórico que o leva a se apresentar não como artefato científico como uma invenção descolada. Mas é uma invenção inserida dentro de uma estrutura de economia de mercado apropriado para uma utilização comercial. Nesse panorama havia uma indústria de lazer que estava se formando, uma inserção comercial do cinema, que já chega ao Brasil já inserido numa indústria do lazer. Trazido para o Brasil como algo que desse lucro, que fosse apresentado ao público como forma de entretenimento. Como indústria ele conquista espaço num outro produto dessa indústria cultural, as revistas. Várias revistas de cinema serão lançadas como *Scena Muda* (1921), *Cinearte* (1926), entre tantas outras, que vão alimentar e formar um público tanto para ler sobre cinema como para ir às salas de cinema. As revistas ilustradas – assim como as especializadas, que não discutiremos aqui – além de colunas de cinema apresentam uma série de anúncios de filmes, de salas de cinema e até mesmo de anúncios de revistas de cinema. As revistas seguem o exemplo da americana *Photoplay* (criada em 1910) considerada a mais importante revista sobre cinema, alimentando a curiosidade dos fãs sobre a vida do stars do cinema de Hollywood.

Já presente desde a década anterior, o culto às divindades da tela atinge sua configuração clássica nos anos 20, época de domínio absoluto do cinema americano em escala internacional(...) No Brasil, o crescimento do mercado e o grau de organização dos negócios cinematográficos atingira, nos anos 20, um estágio em que se afigurava oportuna a incrementação de revistas de publicidade direta e indireta do produto, seja pela discussão de temas gerais ligados ao cinema, seja pela divulgação dos acontecimentos mais atrativos dos bastidores de Hollywood.³

E, depois da abertura oficial da avenida Central, em 15 de novembro de 1905, seriam instalados novos estabelecimentos voltados para a exibição de fitas. “Chegara a época da estabilização das salas cinematográficas, agora maiores, mais confortáveis e aptas a recolher um público numeroso”⁴, comenta Vicente de Paula Araújo em *A bela*

³ XAVIER, I *Sétima arte: um culto moderno* São Paulo: Perspectiva, 1978, págs 167-168

⁴ Idem

época do cinema brasileiro. E são inaugurados, em poucos anos, de 1907 em diante, o Parisiense, o Pathé, o Paraíso do Rio, o Pavilhão Internacional, o Moderno, o Odeon, o Avenida, o Universal Animatographo, o Eclair-palace, o Ideal, o Soberano, o Chantecler.⁵

Tal proliferação de salas – estimuladas a partir de 1910 também pela industrialização da energia elétrica no Rio e em São Paulo – justificaria inclusive anúncios como este publicado na *Gazeta de Notícias* em 2 de abril de 1905: ‘Eletricidade/Aplicação em geral/R. Jouyeux/Engenheiro-eletricista diploma, ex-aluno da Escola de Torpedos e ex-oficial da Marinha Francesa./Instalação de aparelhos cinematográficos/Escritório e loja: Rua Senador Dantas, 44/Oficina: Rua Evaristo da Veiga, nº 38’⁶ E a afluência de público devia ser grande, tornando possível para os exibidores a venda de espaço, no pano de boca das salas a diversos anunciantes. Como registra o anúncio da ‘Maison Moderne’ na *Gazeta de Notícias* de 22 de janeiro de 1907: ‘Hoje – Inauguração do novo pano de boca de anúncios, pede-se o compadecimento dos exmos .srs. anunciantes.’⁷

Logo que surge, o cinema se destaca. Superando em interesse os espetáculos congêneres, torna-se crescentemente diversificado em suas características. É um fato internacional, chega aqui e ali, numa expansão que, de início, não carrega ainda sua dimensão monopolística. Mas, no momento em que se aproxima a Primeira Guerra Mundial já desenvolve mais decisivamente seu caráter industrial, afastando-se cada vez mais de uma configuração semi-artesanal e local da produção. A partir daí, a posse de capitais, o domínio de condições tecnológicas e de canais de distribuição, ao lado da crescente organização dos centros produtores, leva à estratificação de um mercado internacional onde ficam nitidamente delimitados os papéis dos vários contextos nacionais. A divisão entre exportadores e importadores de filmes adquire os contornos gerais de um sistema de relações comerciais caracterizado pela dominação de um centro exportador sobre uma periferia importadora. Alguns países da Europa, com a nítida liderança da França no terreno cinematográfico, tornam-se centros produtores. No outro lado do Atlântico, os Estados Unidos, já no início do século, desenvolvem a indústria cinematográfica: tinham tecnologia, capitais e mercado para isto; e também know how específico, centralizado inicialmente na companhia de Edison, co-inventor do cinema. Os outros países ficam reduzidos a ver dentro de si o enraizamento de um cinema importado e seus representantes, apenas levemente incomodados por uma produção local desprotegida, que atinge

⁵ CF Vieira, João Luiz e Pereira Margareth C.S. “Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia” *Filme Cultura*, 47. Rio de Janeiro, Embrafilme/MINC, ago 1986. P 25

⁶ Apud Araújo, Vicente de Paula, op cit. P 170.

⁷ Id p 193

diferentes graus de desenvolvimento conforme a época e o país, mas fundamentalmente incapaz de lutar em igualdade de condições com os grandes centros, mesmo no âmbito de seus próprios mercados internos.⁸

Nos números do ano de 1927, a seção “Os films da semana” da coluna “De Cinema” é assinada pelo pseudônimo “Fan”, que classifica o filme não só pela sua qualidade, mas também de acordo com o público das salas de cinema que vai gostar ou não.

Para Todos:

Fon Fon

Cinelândia: Faits divers

Um dos pontos mais presente nas colunas é o *fait divers*, na verdade, pautas, assuntos escolhidos sobre o mundo de Hollywood 24/11/28. O que se servia ao leitor ia desde a dieta, beleza, roupas e as cadeiras utilizadas pelos atores além de história do cinema e discussão sobre a transição para o cinema falado que causou inúmeras controvérsias na cena americana. Um dos primeiros assuntos a ser tratado foi uma matéria sobre as cadeiras dos diretores intitulada O throno dos poderosos. Nela aprende-se que as cadeiras dos estúdios são os símbolos da aristocracia de Hollywood. Somente os diretores, os assistentes principais, as grandes estrelas e os melhores astros desfrutam o orgulho de possuir uma cadeira particular com seus nomes.

O prestígio das estrelas pode ser lido no “espaldar das cadeiras dos studios”.⁹ A coluna é ilustrada com várias fotografias dos rostos dos atores citados, as mulheres em fotos mais sensuais e os homens sorrindo. Já começa a nascer uma dinastia de Hollywood alimentado o que existe nas revistas até hoje, que são os atores e a realeza. Os deuses do novo Olimpo – agora Hollywood – disputam espaço com as cabeças coroadas da Europa. Quando o príncipe Gustavo da Suécia visitou os ateliês da Metro Goldwyn com sua comitiva, foi convidado a sentar-se nestas singelas cadeiras de lona, enquanto assistiam a gravação de uma cena. A revista faz então a comparação: “Dentro dos studios de Hollywood, o assento de lona é tão satisfactorio para uma estrela como para uma testa coroada”¹⁰. Existe nos estúdios uma lei anônima que determina ser a cadeira de lona de posse exclusiva da pessoa cujo nome se lê no espaldar. Segundo a nota Cecil B. de Mille

⁸ XAVIER, I op cit pág 26

⁹ O cruzeiro 1 7/11/28

¹⁰ Idem

tinha um empregado que o seguia em todas as saídas e viagens levando sua cadeira, para que ele sempre pudesse sentar-se na frágil cadeira de lona.

Uma coluna dedicada a conselhos de beleza assinada – com autógrafo no final – por Dolores Del Rio, prevenia as leitoras sugerindo, ainda que bebessem muita água:

“nunca se deve comer em excesso. O melhor conselho nesse particular consiste em recomendar-se às mulheres que, ao se levantarem da mesa, ainda se achem com a disposição de comer algumas coisa (...) O espírito da humanidade de hoje é sportivo e alegre. Se a alegria fosse uma virtude eu a classificaria da maior de todas as virtudes. Vivendo alegremente, não se conhecerá nunca a velhice.”¹¹

Um pouco de história também entra na coluna, como na coluna do dia 5 de janeiro de 29 quando há uma retrospectiva sobre a evolução do cinema. O enfoque privilegia as antigas formas de se fazer cinema usando luz do dia em lugar da luz artificial. O título da nota é Filmar é progredir. Entram também técnicas de filmagem comparando as atuais bem mais avançadas do que no início da sua criação. A conclusão do redator é sintomática “Na verdade, não há como negar que nestes ultimos dez annos tem havido muitas novidades no modo de preparar-se uma fita...”:

(...)o elenco deve deixar o atelier e fazer os seus films ao ar livre, à luz do sol, ajudado por poderosas luzes e geradores eléctricos desconhecidos nos primeiros tempos do cinema. Naquella época, todos os films se faziam ao ar livre. Considerava-se quasi um absurdo filmar-se no interior de um edificio com luzes dispendiosas, quando existia uma luz tão brilhante como a do sol sempre prompta e em condições de fornecer toda a luz sem despendir um real. (...) De certo, às vezes desconsertava um pouco o ver-se um dos artistas no “deserto do Sahara” tropeçar na armação de um guarda-chuva velho ou num coelho americano que de repente surgia à entrada de sua toca, numa região que se suppunha ser “as margens do rio Nilo”. Entretanto, o público não era naquelle tempo tão exigente ou melhor dito o público exigente então não gostava de ir ao cinema, e quando ia, nunca o dizia, porque isso era considerado tão degradante como a leitura de uma novela barata.¹²

É um registro da atividade cinematográfica na América. Na verdade, acaba servindo como exemplo para a indústria cinematográfica brasileira, uma vez que o

¹¹ *O Cruzeiro*, 24/11/1928

¹² *O Cruzeiro* 5/1/29

modelo a forma e as técnicas são aproveitadas no Brasil. Interessante como se sabe que as pessoas não iam muito ao cinema e a nova técnica, aos poucos, foi conquistando um público cada vez maior.

Uma crítica aos desejos dos astros de cinema está presente na nota As ambições dos artistas de cinema. Os desejos exóticos dos atores suscita uma análise do redator da coluna que se surpreende com o desejo de Charles Chaplin de ter a “intenção de representar Hamlet, antes de se retirar do ´écran´ se é que isto lhe possa acontecer algum dia. De certo, Charlie é bastante hábil para ser bem sucedido em qualquer papel que deseje desempenhar, mas o publico desejaria vê-lo encarnando a figura de uma personagem do Hamlet?”

Aparentemente havia uma troca entre o redator e seus leitores, pois ele emite opiniões e levanta questões como se lhe fosse possível determinar qual papel um ator americano – no caso Chaplin! – não deveria fazer. Ele se coloca como um fã privilegiado que opina sobre a carreira e os destinos de Hollywood. No mesmo texto ele conta que Greta garbo gostaria de encarnar Salomé e discute essa possibilidade, acreditando que seria um problema para os produtores:

“O papel é tão pouco sympathico, que permitir a Greta Garbo representa-lo importam em roubar-lhe toa a affeição do público. (...)Que as receitas sejam boas ou más, que o público esteja presente ou ausente, é para ella questão secundária. O papel de Salomé é essencialmente artístico e um dos que Greta Garbo, cedo ou tarde, representará.”¹³

O cinema falado também não teve boa repercussão na imprensa. A partir do cinema falado, os atores teriam de ter uma boa voz, não bastaria apenas a imagem, teria de falar inglês sem sotaque para estrelar um filme americano. E os extras agora causam um problema para a indústria:

“O cinema falado está determinando um tal transtorno nos studios, que é quase impossível prever-se os seus resultados, quando não os immediatos, pelo menos os mediatos. Os extras não davam trabalho aos diretores, apenas apareciam. Agora ele teriam de ensaiar e mais tempo seria perdido no ensaio dos pontas nas cenas: “O cinema não é mais o theatro silencioso”¹⁴

¹³ O Cruzeiro, 13/01/29 p 38

¹⁴ Idem p 39

A nota -A psicologia dos vestidos – revela ao público brasileiro o que algumas atrizes acham das suas roupas e que importância elas têm em sua vida. A preferida do redator – ao longo desse ano estudado – parece ser Clara Bow que é sempre citada em matérias que falam das atrizes, de beleza e de competência. Esther Ralston é de opinião que o vestuário só serve de ornamento, enquanto Evelyn Brent proclama que tanto o vestido como o chapéu devem demonstrar um certo bom gosto. Florence Vidor, que é conhecida em Hollywood pela atriz que melhor se veste, disse que para passeios não há nada melhor que um vestido *tailleur*. E finalmente Clara Bow é a única que não quer saber de modas. Ela disse que se veste com o que mais lhe agrada. Gosta de cores vivas e não segue as cores da moda. Seus vestidos são a sua moda.¹⁵

O cinema sonoro ainda é um assunto que supreende os leitores da coluna, tanto que o fato de uma atriz assoviar num filme vira notícia Uma extravagancia de Clara Bow. O artigo fala sobre a capacidade da atriz em assoviar como ninguém, causando inveja até mesmo em alguns pássaros.

“(…) Dizem que ella assoviando causa inveja até a certos pássaros e que brevemente tudo isso será demonstrado numa pellicula sincronizada na qual Clara Bow executará algumas arias”(…)

O mesmo tema retorna dia 6 de abril, deslocando territorialmente a ação em Hollywood, sugerindo que o leitor que passar pelo bulevar de Hollywood poderá ver multidões acotoveladas na frente do Theatro Warner Bros, pois era a única sala que apresentava filmes falados. A novidade ainda era vista pela coluna com certo ceticismo, mas cita:

“o film synchronizado *As luzes de Nova Iorque*, que é o primeiro ainda apresentado, reproduzindo vozes dos artistas desde a scena inicial até o seu desfecho. (...) Sem atingir ainda a perfeição, mesmo conservando o seu character” de experiência, *As luzes de Nova Iorque* representa um grande passo para o desenvolvimento dessa nova modalidade cinematographica. Tudo leva a crer que o sucesso dessa pellicula emule com o de *Cantador de jazz*.”¹⁶

¹⁵ O Cruzeiro 23/03/29

¹⁶ O Cruzeiro 30/03/29 p 36

Um dos temores do cinema falado era o fracasso de alguns atores que teriam mais rostos fotogênicos do que vozes agradáveis. Em maio do mesmo ano a discussão volta a ocupar a coluna com o título O cinema falado necessita mais de cerebros do que de caras bonitas discutindo a relação entre o bom ator – que conseguirá emprego e os atores menos dotados certamente não figurarão mais nas telas.

“Com o advento da pellicula falada o cinema entra em uma nova era, tanto do ponto de vista do espectáculo popular, tanto como de carreira artistica. No futuro, os actores e as actrizes terão que reunir a uma beleza perfeita o quanto possivel, uma certa intelligencia. Tal é a opinião de John Cromwell, famoso director que acaba de ser encarregado pela Paramount da confecção de varias cintas synchronizadas. ‘A voz humana revela, com effeito, o character de uma pessoa e o seu estado de alma diante dos obstaculos que se lhe deparam na vida’ declara sr. Cromwell. Para poder interpretar um papel com felicidade é necessário que o actor ou a actriz sejam pessoas de cultura e que estejam á altura de *viver* o personagem que interpretam, da mesma forma por que ocorre no theatro”.¹⁷

Em julho, a questão ainda é importante e na matéria Os que sobem e os que descem com o cinema falado retoma-se a questão sobre quais atores serão aproveitados uma vez que noticia que a Fox Films não fará mais filmes mudos. A matéria mostra a inversão de valores que o cinema falado trouxe. Muitos atores antigos, já esquecidos, estão de volta com o cinema falado. Muitos dos novos parecem não ter um futuro promissor por causa de sua voz, caso de Gloria Swanson. Por outro lado garante que Charles Chaplin já declarou que “continuará escravo do cinema mudo” e o redator concorda com o ator por achar que este não tem uma boa voz “quando reproduzida pelos aparelhos” E faz um balanço:

È o caso da atriz “(...)Madge Balany que se viu prejudicada. E isso não por que lhe faltasse experiência no palco, ou por que não estivesse em condições de dizer mas porque a voz não correspondia aquillo que a expectativa do publico associara a sua personalidade.(...)Emil Jannings, um norte-americano que viveu trinta anos na Alemanha, não sabe falar inglês sem sotaque germânico. Por isso já voltou para a Europa como muitos outros decepcionados pela inovação. (...)Enquanto isso,Greta Garbo, que além de na saber falar inglês e nem quer falar quando representa, acaba de voltar a Metro com um contrato melhor que o antigo.”¹⁸

¹⁷ O Cruzeiro 06/04/29

¹⁸ O Cruzeiro 13/7/29 p 30

Ao longo do ano o assunto não se esgotará até que em setembro uma grande matéria A palavra dos magnatas da indústria sobre o cinema falado analisa as inovações trazidas pelo movietone e o vitaphone. Para J. L. Warner – diretor da Warner Brothers não admite qualquer retrocesso em relação à voz nas fitas, pois a empresa que apostou no cinema com falas reergueu-se e foi a primeira Companhia a fazer filmes falados.

O “Czar do cinema” Will H. Hays - então presidente da Associação de Produtores e Distribuidores Cinematográficos dos Estados Unidos apóia o cinema falado:

“No desenvolvimento das películas instructivas, o uso do som significa uma vantagem incalculável. Bernard Shaw fala na América, Mussolini fala em Roma, o príncipe de Galles em Londres e Afonso XIII em Madrid e a voz dessas grandes figuras da humanidade pode ser ouvida mais longínquas e humildes, no mesmo tempo que se observam as atitudes, numa aproximação real e parece metafísica.”¹⁹

Winfield Shcenhan, vice presidente da FoxFilm Corporation apóia o cinema falado, acreditando ter aberto um novo campo de trabalho para músicos, cantores , abrindo as perspectivas de um mercado cada vez mais amplo. W. Beftson faz um diagnóstico

“Em 1928 o cinema parecia ter atingido o seu máximo grau de popularidade e parecia não poder ir mais longe. Hoje em dia, as suas possibilidades aumentaram consideravelmente e uma avalanche de gente, que nunca havia se interessado pelas imagens que se movem na tela, aumentam de muitos milhões os espectadores de todo o mundo. Entre as muitas vantagens do novo cinema, alias, não como uma das mais insignificantes, figura a de reduzir consideravelmente o numero o numero de extras, que são um peso morto custosissimo nos elencos de Hollywood”²⁰

Douglas Fairbanks, ator e presidente da Academia de Ciencias e Artes Cinematografica de Los Angeles também foi ouvido e vê o cinema sonoro como uma coisa inteiramente diferente do teatro e do cinema mudo, isto é uma terceira arte, com a sua técnica, as suas leis, e as suas características individuais. Al Rockett, da First National, o cinema falado é como uma forma prática de esperanto na qual o “Presidente Hoover poderá enviar as suas mensagens de fraternidade e de harmonia internacionaes, a viva voz, a todos as nações mais remotas do mundo.”

¹⁹ O Cruzeiro setembro de 29

²⁰ O Cruzeiro p39

Irving Thalberg, vice presidente da Metro e marido de Norma Shearer apesar de não ser um entusiasta do cinema falado mantem uma atitude moderada achando que se devem editar filmes falados e também filmes mudos.²¹

Outro assunto que causa polêmica é a questão do trabalho da mulher. Na matéria Deve uma mulher consagrar-se inteiramente a vida do lar?²² As estrelas vão responder de diversas maneiras. Umas apóiam o trabalho fora de casa e outras preferem ficar em casa a arriscar desagradar seus maridos.

“Não absolutamente” declara Billie Dove estrela da Metro. “Acho que a felicidade conjugal é a primeira coisa na vida a merecer a atenção de qualquer esposa. Entretanto, a mulher moderna, com o seu espírito activo, verdadeiramente integrada na vida do século, não pode restringir-se a querer ser boa *ménagère*”

Phylis Haver relata “eu amava muito meu trabalho mas, desde que encontrei o meu marido, toda a perspectiva da minha vida se transformou por completo” e ainda “Sou uma mulher de experiência e já tive minha carreira. Sei o que é o sucesso. Já estudei a questão do casamento. Discuti-a comigo mesma, no espírito e no coração- carreira e glória contra casamento e domesticidade. Afinal, resolvi em favor do casamento”.²³

Em 9 de novembro de 1929 um artigo assinado por Douglas Fairbanks e Mary Pickford, (especial para “O Cruzeiro” da Anglo American N.S.) discutem os rumos do cinema. O cinema entra como parte da economia e da política para os dois e traz uma discussão para a coluna que não aparece para ser cotejada com profissionais brasileiros. A engrenagem do moderno parece ser da metrópole fora do Brasil e não no Rio de Janeiro e São Paulo, Por exemplo.

“O certo é porém, que o cinema é a arte do futuro. Constatamos que as tendências modernas são democraticas, tanto na política como em economia. As artes para isso também caminham e o cinema é, dentre todas as artes, a mais democrática. (...) Chegamos à primeira revolução do cinema falado. É incontestável a importância desse descobrimento, mas por enquanto, não se pode emitir sobre elle opinião definitiva. Não podemos ainda dizer se o film falado dominará no futuro. Comtudo, não olvidemos as experiencias em curso, por exemplo – os films coloridos. Há até sábios e technicos que já cogitam de

²¹ *O Cruzeiro*

²² *O Cruzeiro* 30/11/29 pag 35

²³ Idem

ensaiar films em relevo, procurando dar á visão cinematographica um cunho stereoscopico.”²⁴

O cinema europeu não aparece nas colunas de Cinelândia. O espanhol Luis Buñuel lança *O cão andaluz* em 1928, um experimento do surrealismo utilizando a nova arte para testar técnicas de narrativa fílmica, com planos aproximados e quase cirúrgico , como na conhecida cena de um corte no olho. O cinema aparece aqui como entretenimento.

Perfis

Desde a primeira coluna com editorial anunciando a importância que a nova revista dedicará ao cinema, segue-se um perfil do ator Emil Jannings, dando tom de que as estrelas da tela serão apresentadas aos leitores com o título *O trágico da cinematographia alemã*. O texto segue o estilo de uma reportagem, com um narrador privilegiado que assistiu às filmagens de *A última rodem* com Evelyn Brent direção de von Stenberg. Ele descreve a cena, dando horário, comportamento do diretor, dos figurantes e da performance do ator que morre em cena. Ao terminar a filmagem todos reverenciam o ator. O autor desconhecido garante que Jannings apesar de ter fama de trágico é um “pae amantíssimo e esposo dos mais ternos – eis ahi, no lar Emil Jannings, o homem irascível e truculento dos ‘studios’.

As páginas eram desenhadas com cuidado e destaque para os atores. Nessa matéria há fotos de Emil outra de sua mulher e uma terceira da filha do ator.

Clara Bow- seria a “mulher-syntese” de Hollywood, conhecida como The jazz girl, e aparece em todo seu esplendor nessa página com poder de sedução e com comentário do redator: “É a flor da perversidade, um produto da civilização, fria e nociva como um réptil venenoso.”²⁵

“a pequenina dos cabelos de fogo, era a encarnação do momento de agitação de que se vivia naquela época.” (...) O seu jeitinho de ser extravagante é elemento de propaganda, hábil, embora grotesco, de ferir a curiosidade pública.” [Ela seria uma flapper], “um producto exclusivamente norte-americano, super civilizado resultante da libertinagem que predomina entre as novas gerações deste país, e da evolução política, econômica e social que sofreu a mulher nordica nestes últimos anos. A flapper procura o homem, attrae-o, fascina-o para explora-lo, para lhe sugar o bolso

²⁴ *O Cruzeiro* 9/11/29

²⁵ *O Cruzeiro* 1/12/28 pág 46

e valer-se delle apenas como meio de conseguir a satisfação dos seus desejos e uma vez que delle obtem quanto queira, abandona-o com desapiedade indiferença.”²⁶

As atrizes em voga aparecem nas colunas com medidas em inglês, como para Laura Laplante: “É a mais loira de Hollywood, mede 5 pés e 3 polegadas de altura pesa 118 libras e tem olhos azues e cabelo cortado”²⁷ As atrizes Billie Dove ganha cinco fotografias O redator deita-se em elogios desmesurados:

“Dizer que Billie Dove nasceu em New York, que tem cabelos e olhos desta ou daquela cor, não parece bem, tratando-se aqui apenas de evocar, com simplicidade, a fascinação de sua personalidade inconfundível. Billie Dove é Billie Dove. E comparando-se seus característicos de beleza a uma flor, - uma magnólia glauca. Como atriz, como mulher que fixa, no ‘écran’, momentos de paixão de alegria, de amor e de repulsa, - é uma intelligencia vibrátil, toda caracterizada em expressão e sinceridade.”²⁸

A atriz Mary Brian é elogiada como morena, olhos negros profundos”cheios de uma ternura luminosa e meiga”²⁹. Até as legendas das fotografias elogiam a atriz: “Os quatro clichês que ilustram esta página são outras tantas lindas atitudes de Mary Brian”.³⁰ Alguns atores merecem destaque, como o ator mirim Jackie Coogan. Na matéria conta-se que prefere filmes policiais e comédias além de reportar sua vida escolar dizendo que pretende continuar seus estudos na Inglaterra ou na Suíça. “E garante ainda que sabe tudo de história e que Cristóvão Colombo é seu maior herói.”³¹

Os textos são opinativos e criam uma certa intimidade com os atores, diretores, em suma com Hollywood. Apesar da distância, o redator parece viver o cotidiano dos grandes estúdios. O perfil da atriz brasileira Gracia Morena é assinada por Fan que conta sua trajetória no filme *Barro humano* e sua intimidade com o mar. Revela que ela é conhecida como Sereia de Icarai³². Ela também guarda semelhanças com o mar, seu único amor, sendo muito inconstante como ele. Lembra seu talento como artista plástica desenhando capas para *O Cruzeiro* e *Fon Fon*..

²⁶ Idem

²⁷ *O Cruzeiro* 8/12/28 p 34

²⁸ *O Cruzeiro* 29/12/28 p 38

²⁹ *O Cruzeiro* 5/01/29

³⁰ Id

³¹ *O Cruzeiro* 15/06/29 págs 44-45

³² *O Cruzeiro* 22/06/29 pág 52-53

Ao fazer o perfil da atriz Molly O'Day com o título A triste História de Molly O'Day conta a trágica história da atriz que parecia ser uma ter uma promissora carreira, ficando conhecida como estrela da First e desempenhando bons papéis como em 'The Patent leather Kid' :

“mas tudo foi frustrado por sua incipiente obesidade que mesmo após dieta rigorosa e pesados exercícios só aumentava. Molly apelou para uma cirurgia para reduzir a gordura mas nada deu resultado. (...) tomou uma resolução trágica: submeter-se a uma intervenção cirúrgica, cortando tecidos cellulo-adiposos de varias partes do corpo. A principio , tudo pareceu correr bem, mas logo a gordura voltou. Atualmente Molly acha-se afastada da actividade cinematographica. Tem um rosto angelical, mas de extrema gordura.”³³

Fica claro que desde os anos 20 obesidade e beleza não podiam conviver na mesma cena. No mesmo mês abre-se espaço para o diretor brasileiro Eduardo Alvin Correa, filho do pintor Henrique Alvin Correa, que, ao trocar a escola de Bellas Artes de Genebra adotou o nome artístico de Jean Silva e montou em 1927 sua própria empresa A.R.C. de realizações de filmes. Seu primeiro trabalho foi *Papagaio Verde* filme de bastante sucesso.³⁴

As colunas contam as histórias de vida dos atores de Hollywood mesmo que não sejam de primeira grandeza. É um alimento que envolve o leitor como um cúmplice para as histórias dos deuses do Olimpo, os mitos de cinema que mantêm a tradição até os dias de hoje. Se no século XXI assistimos a nova gama de estrelas além do cinema, do teatro e da música, os jogadores de futebol e demais esportistas também entram nessa nova constelação e suas vidas são investigadas pelos repórteres. Não é apenas a vida de Nicole Kidman, Luma de Oliveira, Steven Spilberg que interessa, mas a de Madona, de Britney Spears, Michael Jackson, Chico Buarque e Beckham que vão inundar as colunas de celebridades.

³³ O Cruzeiro 3/08/29 pág 42-43

³⁴ O Cruzeiro 21/12/29 p 48-49

Bibliografia

- ARAÚJO, Vicente de Paula *A bela época do cinema brasileiro*, São Paulo: Perspectiva, 1976
- BURCKHARDT, Jacob *A cultura do Renascimento na Itália* São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- FERRO, Marc *Cinema e história*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 p71
- GUMBRECHT, Hans Ulrich *Cascatas de modernidade in Modernização dos sentidos*, Editora 34, São Paulo, 1998
- JAUSS, HANS R. Tradição literária e consciência atual da modernidade, in OLINTO, Heidrun K. *Histórias de literatura*. São Paulo, Editora Ática, 1996. págs 47 a 100.
- METZ, Christian *Essais sur la signification au cinema*, Paris, Éditions Klincksieck, 1978
- NETTO, Accioly *O império de papel – os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p 36
- SADOUL, Georges *Histoire du Cinéma mondial*, Paris: Flammarion, 198 p 435
- SINGER, Bem Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In CHARNEY, Leo e SCHWARTZ Vanessa R *O cinema e a invenção da vida moderna*, São Paulo: Cosac e Naify, 2001 p 123
- SÜSSEKIND, Flora *Cinematógrafo de Letras* São Paulo: Cia das Letras, 1987
- VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ed Fundação Getúlio Vargas, 1996, p 21
- XAVIER, Ismail *Sétima arte: um culto moderno* São Paulo: Perspectiva, 1978.